

## Educação de indígenas surdos e as línguas indígenas de sinais

### Education of deaf indigenous people and indigenous sign languages

Shirley Vilhalva<sup>1</sup>  
Bruno Roberto Nantes Araujo<sup>2</sup>

#### Resumo

A Educação de indígenas surdos e as línguas indígenas de sinais é uma narrativa de vivência no II Encontro de Linguagens do IFMS, link <https://www.ifms.edu.br/assuntos/eventos/encontro-de-linguagens-do-ifms>, que foi realizado de forma virtual entre os dias 17 e 19 de novembro, com o tema "Ensino de línguas e internacionalização: práticas, vivências e reflexões". Para isso, este estudo se objetiva em apresentar e refletir a respeito dos pressupostos teóricos dos estudos das línguas de sinais indígenas apresentadas pelos diferentes pesquisadores brasileiros, em diferentes comunidades indígenas. Trata-se de reflexões e estudos contínuos dos pesquisadores Shirley Vilhalva e Bruno Roberto Nantes Araujo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). A metodologia é de cunho qualitativo (Marconi; Lakatos, 2004) envolvendo o levantamento bibliográfico das pesquisas de mestrados dos pesquisadores, onde estes apresentam os materiais e as estratégias de catalogação das línguas de sinais indígenas, bem como, suas vivências em suas pesquisas. Citamos alguns autores dos quais corroboraram para o aporte teórico, como: Godoy (2020), Coelho (2019), Soares (2018), Araujo (2018), Pereira (2013), Vilhalva (2009). Assim, foi observado que dentro das escolas indígenas e com participação de narrativas de famílias com filhos matriculados em escolas indígenas, onde havia presença de intérpretes da Língua Brasileira de Sinais e as narrativas dos pesquisadores, notou-se a importante contribuição para o avanço das materializações de novas pesquisas e ações que venham respaldar o direito linguístico dos estudantes indígenas surdos.

**Palavras-chave:** Educação. Indígenas surdos. Línguas indígenas de sinais.

#### Abstract

The Education of Deaf Indigenous People and Indigenous Sign Languages is a narrative of experience at the 2nd IFMS Language Meeting, link <https://www.ifms.edu.br/assuntos/eventos/encontro-de-linguagens-do-ifms>, which was held virtually from November 17th to 19th, with the theme "Language teaching and internationalization: practices, experiences and reflections". This study aims to present and reflect on the theoretical assumptions of studies of indigenous sign languages presented by different Brazilian researchers in different indigenous communities. These are reflections and ongoing studies by researchers Shirley Vilhalva and Bruno Roberto Nantes Araujo from the Federal University of Mato Grosso do Sul (UFMS). The methodology is of a qualitative nature (Marconi; Lakatos, 2004) and involved the bibliographic survey of the researchers' master's research, and they present the materials and strategies for cataloging indigenous sign languages, as well as their experience in their master's research. We cite some authors who corroborated the theoretical contribution: Godoy (2020), Coelho (2019), Soares (2018), Araujo (2018), Pereira (2013), Vilhalva (2009). Within indigenous schools and with the participation of narratives from families with children enrolled in indigenous schools where there were interpreters of the Brazilian Sign Language and the narratives of the researchers, it is noted the important contribution to the advancement of the materialization of new research and actions that come to support the linguistic right of deaf indigenous students.

**Keywords:** education. Deaf Indians. Indigenous sign languages.

<sup>1</sup> Mestrado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. | Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8206-9401> E-mail: [shirley.vilhalva@ufms.br](mailto:shirley.vilhalva@ufms.br)

<sup>2</sup> Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, Mato Grosso do Sul, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7795-8677> E-mail: [bruno.nante@ufms.br](mailto:bruno.nante@ufms.br)

## 1 Introdução

A educação indígena surda vem participando de um grande movimento já iniciado pela comunidade surda urbana brasileira, segundo Rocha (2018) e Brito (2013) essa comunidade vem por mais de 160 anos atuando em diversas áreas, tanto na educação, quanto na área da linguística, quanto política, fato observado, conforme cita Brito (2013) o surgimento da primeira instituição brasileira fundado no Brasil em 1857, o INES – Instituto Nacional de Educação dos Surdos na cidade do Rio de Janeiro. Anos mais tarde com a criação da Feneis – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, observou-se o aumento dos movimentos de luta em prol de acessibilidade linguística, com um aumento expressivo de novas oportunidades, voltando novos olhares além da Libras – Língua Brasileira de Sinais.

Na atualidade, a partir das pesquisas de mestrado dos autores Vilhalva (2009) e Araujo (2018), um novo conhecimento adquirido sobre a educação indígena se torna ainda mais complexa quando a escola inclui estudantes indígenas surdos e no Brasil ainda em 2022 não há um trabalho de formação específica aos profissionais indígenas para atender conforme a nova legislação que altera a LDB em 2021, da qual faz referência da nova modalidade de educação bilíngue para surdos. Nesse caso, o estudo pretende apresentar os pressupostos teóricos através das pesquisas já postas, e ainda, da vivência de dois professores que atuaram em escola de surdos e hoje atuam dentro da universidade com acadêmicos indígenas e não indígenas, considerando a necessidade de abordar esta temática.

Sendo Vilhalva (2009) uma professora surda atuante há 40 anos na educação de surdos do estado de Mato Grosso do Sul e do Brasil. Foi diretora da extinta escola de surdos de Campo Grande, o Ceada - Centro de Atendimento ao Deficiente da Audiocomunicação, ativista nas questões dos movimentos surdos. E Araujo (2018) um professor ouvinte e tradutor e intérprete de Libras atuante na educação de surdos, também no Ceada e na comunidade surda do estado em geral, ambos atualmente, docentes de Libras na Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS.

A justificativa deste artigo se deu devido apresentarmos nossas vivências e pesquisas em uma mesa redonda no II Encontro de Linguagens do IFMS, ambos fomos atravessados por estudos e pesquisas que apontam sobre indígenas surdos, línguas indígenas de sinais e a educação desses estudantes em geral. Atualmente participamos de um grupo de pesquisadores de indígenas surdos do Brasil, onde trocamos experiências e nos atualizamos quanto às novas pesquisas e estudos. Inclusive está disponível no canal do IFMS internacional no YouTube<sup>3</sup>. Optamos por utilizar a metodologia qualitativa baseada nos estudos de Carvalho (2007, p.15) onde pontua que esta “perspectiva valoriza a

<sup>3</sup> Canal do You Tube: <https://www.youtube.com/watch?v=icbdsLTGK3g>

conceitualização do próprio ator social”. E as estratégias de produção de dados é com levantamento bibliográfico e das narrativas de nossas experiências vividas no contexto das pesquisas sobre indígenas surdos e línguas indígenas de sinais.

As línguas de sinais emergentes (doravante LSEm) e as línguas de sinais indígenas (LSI) tem se apresentado também em novas publicações e em diferentes territórios de pesquisa (MEIR, et al, 2010; NONAKA, 2004), visto que, por muito tempo os surdos em geral eram vistos como sem língua própria, ou seja, a língua visual, e nessas condições eram tidos como incapazes de possuírem direitos e mesmo receber os atendimentos em língua de sinais.

Conforme VILHALVA (2009, p. 26-27):

O ser humano tem uma habilidade extraordinária de aprender línguas desde muito cedo, e essa competência adaptativa com que os surdos indígenas iniciam com os sinais emergentes, também ficam a mostra quando entram em contato com a língua de sinais são ofertadas nos diversos espaços dentro das comunidades indígenas.

Sendo que atualmente o reconhecimento da comunidade Libras, e pela presença dos sinais emergentes em grande parte das localidades onde há presença dos indígenas surdos e que fazem uso de sinais emergentes e estes são de suma importância, por serem também frutos da linguagem num processo visual, usado pelos surdos indígenas e seus familiares ouvintes conforme já dito acima na interação com o meio.

No Brasil, é possível encontrar algumas publicações nesse sentido, tais como a dissertação de Vilhalva (2009), posteriormente, publicada em livro no ano de 2012, ainda, pesquisas de Silva e Quadros (2019); Almeida-Silva e Nevins (2020) e a tese de Silva (2021). No decorrer de nossas pesquisas e investigações, encontramos outros pesquisadores desta vertente onde formamos um grupo de estudos e pesquisas.

Tivemos a oportunidade de poder estar participando também do Grupo de Trabalho da Ação Global da Década Internacional das Línguas Indígenas (IDIL 2022-2032) da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)<sup>4</sup>, com intento de marcar presença na respeitando as suas particularidades e pluralidades.

Nesta oportunidade, foram observados que os processos educativos exigem articulação entre quatro diferentes atores sociais: a família, o professor, o intérprete de Libras e estudantes indígenas surdos em suas interações linguísticas. Numa prática futura e esperada será a presença dos professores

<sup>4</sup> Sobre isso, mais informações encontra disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/116671-unesco-lanca-consulta-sobre-elaboracao-de-plano-de-acao-global-da-decada-internacional-das>

surdos indígenas para as línguas indígenas de sinais e o tradutor e intérprete da língua indígena nas modalidades oral, escrita e sinais.

O movimento surdo persiste em manter a bandeira levantada de que todos surdos terão êxito ao ensinar-lhes por meio das línguas de sinais. Sendo assim, um novo espaço aberto nas pesquisas foi direcionado para os indígenas surdos dentro das Escolas Indígenas. A presença desses estudantes, como eles se comunicam, como recebem a sua educação escolar, há presença dos intérpretes ou não, quantas línguas esses estudantes estão tendo acesso, entre outros fatores que envolve a educação dos estudantes dentro dos territórios indígenas. Como podemos observar conforme a Resolução CNE/CEB Nº 5, de 22 de junho de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica em seu:

Artigo 11 - § 3º No caso dos estudantes que apresentem necessidades diferenciadas de comunicação, o acesso aos conteúdos deve ser garantido por meio da utilização de linguagens e códigos aplicáveis, como o sistema Braille e a Língua Brasileira de Sinais, sem prejuízo do aprendizado da língua portuguesa e da língua indígena, facultando-lhes e às suas famílias a opção pela abordagem pedagógica que julgarem adequada, ouvidos os profissionais especializados em cada caso voltada à garantia da educação de qualidade sociocultural como um direito dos povos indígenas. (BRASIL, 2012)

Com os estudos realizados por pesquisadores linguistas como Willian Stokoe na década de 1960 nos Estados Unidos da América e Lucinda Ferreira Brito na década de 1980 no Brasil, comprovou-se que as línguas de sinais é uma língua natural, possuindo toda estrutura de qualquer língua natural, o cenário linguístico foi mudado para a comunidade surda e para a comunidade indígena surda, que com esse reconhecimento novos pesquisadores surgem com novas pesquisas e com novas perspectivas de educação de surdos dentro das escolas indígenas. Ressaltamos ainda, que o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais - Libras através da Lei 10.436/2002, oportunizando aos Estudos Surdos e Culturais adentrarem espaços emergentes em relação a uma nova política pública e linguística.

O Brasil ainda necessita realizar uma planificação linguística para os indígenas surdos. As informações do IBGE – Censo Demográfico 2010, citam que o município com a maior quantidade de indígenas está no Estado do Amazonas: São Gabriel da Cachoeira com 29.017, São Paulo de Olivença com 14.947 e Tabatinga 14. 855 e Mato Grosso do Sul, conforme a Secretaria Especial de Saúde Indígena – no Site da Secretaria de Estado de Cidadania e Cultura, estão presentes aproximadamente “80.459 habitantes, presentes em 29 municípios”. As etnias presentes são: Atikum, Guarani Kaiowá, Guarani Nadeva, Guató, Kadiwéu, Kinikinau, Ofaié e Terena. Não há um Censo demográfico que apresente o número da população indígena surda e sua língua em uso.

## 2 Língua Brasileira de Sinais e a Língua Indígenas de Sinais no Brasil

A comunidade surda urbana apresenta uma complexidade linguística, pois está envolvida com duas línguas no cotidiano, a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa. Conforme Vilhalva (2009), os surdos urbanos são, geralmente, denominados bilíngues. Mas, diante desse quadro de etnias apresentados acima da população indígena de Mato Grosso do Sul e sua diversidade linguística, consideramos que alguns indígenas surdos estão em um ambiente multilíngue, não só de línguas indígenas falada, como também a Língua de Sinais Indígenas, acrescentamos por ser um Estado com duas fronteiras a presença do espanhol como língua estrangeira, que é usual nos espaços fronteiriços do Mato Grosso do Sul com Bolívia e Paraguai, ou mesmo um pidgin, usado pela comunidade, comumente denominado de “portunhol”.

Em relação as línguas de sinais temos a presença da Libras – Língua Brasileira de Sinais, Língua de Sinais do Paraguai, a Língua de sinais da Bolívia e as Línguas Indígenas de Sinais que estão constantemente em pesquisas. Todas essas línguas de sinais apresentadas anteriormente, tem sua estrutura gramatical organizada a partir de alguns parâmetros (Quadros; Karnopp, 2004). Três são seus parâmetros principais ou maiores:

- Configuração da(s) mão(s) - (CM)
- Ponto de Articulação - (PA)
- Movimento - (M)

E outros dois constituem seus parâmetros menores:

- Orientação de mão – (Or ou Om)
- Expressões não-manuais – (ENM)

As expressões faciais têm duas funções distintas: expressar emoções (assim como nas línguas faladas) e marcar estruturas gramaticais específicas (como orações relativas), servindo para distinguir funções linguísticas, uma característica única das línguas de modalidade visual-espacial. Dessa forma é de fundamental importância que os estudos linguísticos sejam realizados também nas línguas de sinais indígenas de cada etnia respeitando as suas culturas. Nesse sentido, as línguas de sinais indígenas também passarão pelo mesmo processo de constituição e sua validade quanto à língua natural também apresentará todas ocorrências quanto às demais línguas.

### 3 Fatores interacionais entre os Tils e os estudantes indígenas surdos

Os fatores interacionais entre os alunos indígenas surdos, professores e intérpretes não indígenas dentro da sala de aula em escolas indígenas contribuem para o desenvolvimento e envolvimento no processo de aquisição linguística e cultural em suas práticas interpretativas. Segundo Araujo (2018) o tradutor intérprete é elemento essencial para que a comunicação entre o surdo e o ouvinte aconteça de forma satisfatória. Com isso, observa-se que é preciso de conhecimentos onde o seu trabalho pode ser dentro de uma diversidade linguística, podendo ser abrangente as diferentes literaturas entre outros estudos que contribua com a educação do estudante surdo.

Ainda conforme Araujo (2018):

Desse modo, o tradutor e intérprete necessita conhecer todo tipo de texto (literatura, jornalístico, publicitário, cartas, entre outros), variando autores, épocas, propósitos, terminologias pertinentes a cada área a que vai se dedicar, como bagagem obrigatória para exercer com qualidade sua função. Sua tarefa, contudo, torna-se mais complexa quando encara o cerne de seu trabalho: fidelidade ao texto original sem negligenciar a língua para a qual se traduz. Para isso, precisa conhecer muito bem a língua a qual pretende traduzir, acompanhando as mudanças por que ela passa, já que o conhecimento restrito dessa língua pode levar a traduções e interpretações equivocadas que induziriam o público alvo a significações não pretendidas nem pelo autor do texto e nem pelo tradutor/intérprete. (ARAUJO, 2018, p. 65)

Para os Tils estas interações com os indígenas surdos são de extrema importância para a aquisição das línguas indígenas de sinais e sinais emergentes, o conhecimento e aprendizado das culturas, a compreensão das cosmovisões dos mesmos. Tanto nas escolas comuns quanto nas escolas indígenas. Logo, já existem produções científicas que trazem conceitos linguísticos de algumas etnias estudadas no Brasil, onde os profissionais podem se ater para aquisição do conhecimento e capacitação ao atender com mais qualidade esses estudantes indígenas surdos.

### 4 Produções científicas sobre línguas indígenas de sinais e indígenas surdos no Brasil

No tocante às produções científicas, observa-se um número considerável de publicações já registrados no meio acadêmico, para tanto, apresentamos algumas produções outrora levantadas através de pesquisas de levantamentos bibliográficos e Estado da Arte, realizados nas produções de Araujo (2018), Araujo e Ferreira (2021) e Araujo (2021). Segundo os resultados encontrados por Araujo e Ferreira (2021) no artigo intitulado “Estudos e pesquisas sobre a educação de indígenas surdos no Brasil” e por conseguinte no artigo “Língua Indígenas de sinais? Elas (R)Existem?” de Araujo (2021) foram encontradas o total de vinte e seis (26) produções científicas. Sendo, quatro (4) Teses de

Doutorado, dezesseis (16) Dissertações de Mestrado, duas (2) Monografias e (4) artigos científicos. Embora estas pesquisas, ainda continuamos em nossos estudos de doutoramento encontrando novas produções científicas, bem como, artigos científicos e capítulos de livros.

Nas diversas regiões do país pode-se destacar as pesquisas de algumas das etnias estudadas: na região Sul, a etnia Kaingang, na região Centro-Oeste, as etnias Guarani e Kaiowá e Terena, na região Norte, as etnias Paiter Suruí, os Akwe - Xerente, os Ka'apor, no Nordeste do país, temos a etnia Cena. Os autores ainda reforçam que está havendo um despertar do interesse entre os pesquisadores não apenas da área da linguística como de outras áreas do conhecimento, fortalecendo assim o campo de pesquisa entre os indígenas surdos e as línguas indígenas de sinais no Brasil.

Desse modo, podemos dizer que já devem existir outras produções publicadas e, ou no prelo que das quais não registramos aqui e estes dados estão passíveis de serem desatualizados. Destacamos logo abaixo divididos em tabelas, algumas produções com as siglas das instituições, ano de publicação, título e nome do (a) autor (a) da obra:

UFSC - 2013 - Fazendo cena na cidade dos mudos: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí. Autor: Éverton Luís Pereira
UNESP - 2018 - Língua Terena de Sinais: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos Terena da Terra Indígena Cachoeirinha. Autora: Priscilla Alyne Sumaio Soares
UFGD - 2019 - A educação escolar de indígenas surdos Guarani e Kaiowá: discursos e práticas de inclusão. Autora: Luciana Lopes Coelho
UFRJ - 2020 - Os Ka'apor, os gestos e os sinais. Autor: Gustavo Godoy

**Quadro 1.** Teses de Doutorado

**Fonte.** Elaborado pelos próprios autores, baseado nas pesquisas de ARAUJO (2021) e ARAUJO e FERREIRA (2021).

UFSC - 2008 - Cultura Surda e Educação Escolar Kaingang. Autora: Marisa Fátima Padilha Giroletti
UEPA - 2009 - Educação de Surdos no contexto Amazônico: um estudo da variação linguística na Libras. Autora: Kátia do Socorro Carvalho Lima
UFSC - 2009 - Mapeamento das Línguas de Sinais Emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul. Autora: Shirley Vilhalva
UFGD - 2011 - A constituição do sujeito surdo da cultura Guarani-Kaiowá: os processos próprios de interação e comunicação na família e na escola. Autora: Luciana Lopes Coelho

UFGD - 2013 - A criança indígena surda na cultura Guarani-Kaiowá: um estudo sobre as formas de comunicação e inclusão na família e na escola. Autora: Juliana Maria da Silva Lima
UFGD - 2014 - Formação de professores para o Atendimento Educacional Especializado em escolas indígenas. Autor: João Henrique da Silva
UNESP 2014 Sinalizando com os Terena: um estudo do uso da Libras e de sinais nativos por indígenas surdos. Autora: Priscilla Alyne Sumaio
UEA - 2015 - Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintins. Autor: Marlon Jorge Silva de Azevedo
UFG - 2016 - A situação de comunicação dos Akwe-Xerente surdos. Autor: Euder Arrais Barretos
UNIR - 2016 - A poética do olhar: a cultura visual surda no contexto Amazônico Autora: Andreia Teschi Motta Souza
UFMS - 2017- O que é ser índio sendo surdo? Autora: Michelle Sousa Mussato
UNIR - 2017- Mapeamento dos sinais da comunidade surda do povo Paiter Suruí no contexto familiar. Autora: Miriã Gil Lima Costa
UNIR - 2017 - Mapeando os sinais Paiter Suruí no contexto da comunidade. Autora: Luciana Coladine Bernardo Gregianni
UNIR - 2017 - Mapeamento de sinais da educação escolar indígena dos surdos Paiter Suruí. Autora: Rosiane Ribas de Souza Eler
UNIR - 2017 - A Práxis tradutória das línguas de sinais. Autora: Ednéia Bento de Souza Fernandes
UFMS - 2018 - A escolarização de indígenas Terena surdos: desafios e contradições na atuação do tradutor intérprete de línguas de sinais – TILs. Autor: Bruno Roberto Nantes Araujo

**Quadro 2.** Dissertações de Mestrado

**Fonte.** Elaborado pelos próprios autores, baseado nas pesquisas de ARAUJO (2021) e ARAUJO e FERREIRA (2021).

UNB - 2014 - Indígenas Surdos e a deficiência no SUS: a percepção multiprofissional no atendimento no sistema de saúde no município de Dourados – Mato Grosso do Sul. Autor: Dyego Ramos Henrique
INES - 2016 - Educação de índios surdos no Brasil: desafios linguísticos e culturais. Autora: Sâmela Celeste Garcia Viturino Sant'ana
UFPR - 2021 - HQ sinalizada: Séno Mókere Káxe Koixómuneti. Autor: Ivan de Souza

**Quadro 3.** Trabalhos de conclusão de Curso e monografias:

**Fonte.** Elaborado pelos próprios autores, baseado nas pesquisas de ARAUJO (2021) e ARAUJO e FERREIRA (2021).



Gallaudet University - 1984 - Similaridades e diferenças em duas línguas de sinalização brasileiras. Autora: Lucinda Ferreira Brito
UFMA - 2015 - O acesso do surdo ka'apor em sua comunidade indígena à educação: Uma discussão de inclusão. Autor: Irlan Marcos Cerqueira Santos
UFGD - 2016 - Discursos e Práticas na Inclusão de Índios Surdos em Escolas Diferenciadas. Autoras: Marilda Moraes Garcia Bruno; Luciana Lopes Coelho
UFMS - 2019 - O conflito linguístico e identitário do sujeito surdo terena: uma reflexão sobre política linguística. Autoras: Michelle Souza Mussato; Claudete Cameschi de Souza

**Quadro 4.** Artigos científicos

**Fonte.** Elaborado pelos próprios autores, baseado nas pesquisas de ARAUJO (2021) e ARAUJO e FERREIRA (2021).

## 5 Horizontes para futuras pesquisas

Nesse estudo apresentado no II Encontro de Linguagens do IFMS entre os dias 17 e 19 de novembro, é de suma importância que a formação para os profissionais dentro dos Territórios Etnoeducacionais tenha presença de professores surdos para contribuir com os demais profissionais e que esses sejam bilíngues nas línguas presentes dentro das modalidades sinalizadas, escritas e faladas. Pra que isso aconteça é necessário que a cultura, a língua e a identidade de cada povo estejam presentes. Esses fatores são importantes para que seja possível atingir o objetivo dentro de uma perspectiva bilíngue a multilíngue, já que o diferencial entre os estudantes surdos urbanos a Libras é a língua de instrução e a língua portuguesa escrita é sua segunda língua e a língua estrangeira na modalidade escrita é a sua terceira língua.

Para o estudante indígena surdo a garantia são as línguas de sinais: Língua de Sinais Indígenas e Libras, as duas são línguas de sinais, línguas visuais e estas devem ser as línguas de instrução e a língua portuguesa escrita é sua segunda para o não indígena passa a ser a terceira ou a quarta para o estudante indígena surdo e a língua estrangeira na modalidade escrita é a sua quarta ou quinta língua. Além desse diferencial há a importância dos ensinamentos do povo que pertence, suas cosmovisões. Conforme VILHALVA (2021) no prelo, a educação para estudante indígena surdo acontece quando a sua primeira língua está presente e é possibilitado:

1. Conhecer através da sua língua de sinais todos ensinamentos do povo que pertence;
2. Aprendizagem dos ritos, esclarecer porque acontece, às suas diferenças entre outros povos, o que trazem de benefícios sociais e ambientais para os povos indígenas e não indígenas;
3. Os surdos e os ouvintes necessitam entender que para o não apagamentos das infinitas possibilidades que são geradas por esses ensinamentos;
4. Trabalhar com os dados da natureza e todo seu processo de evolução;
5. Trabalhar continuamente para que possam ser entendidos os enigmas abstratos de nossos parentes ancestrais.

**Quadro 5.** Possibilidades  
**Fonte.** Elaborado pelos autores (2022).

Pensando na relação estudante e do profissional TILS, frisamos que o este tem o dever, para além das interpretações na Língua Brasileira de Sinais, devem adicionar-se de conhecimentos culturais específicos de cada cultura étnica que estiver inserido e atuando. Compreendendo e respeitando as cosmovisões de cada etnia dos estudantes indígenas surdos que estiverem atuando, respeitando suas características culturais, seus costumes e suas línguas de sinais (ARAUJO, 2018).

## 6 Considerações finais

Neste cenário, consideramos que se torna fundamental assegurar as pesquisas em cada território. Fortalecer os estudos voltados para as línguas de sinais indígenas, para seu mapeamento contínuo e publicações com o propósito de destacar a interação linguística do povo indígena surdo. Que a valorização e a formação dos professores surdos e ouvintes, bem como os intérpretes seja submetida a contínuos processos de interações interculturais com outros povos presentes nos espaços de negociação cultural, organizando assim, uma planificação linguística necessária para elaboração de uma política linguística tão necessária no Brasil.

Se faz necessário ainda a constituição de um currículo na educação dos indígenas surdos, com a participação de professores indígenas surdos e ouvintes de cada etnia, em que o olhar não seja exclusivamente para a língua brasileira de sinais, mas sim, como já dito acima na Resolução 05/2012, valorizando todas as línguas de sinais local e a nacional. É necessário ainda, descolonizar o olhar dos pesquisadores, professores e intérpretes, sejam eles surdos ou ouvintes, para que se possa compreender que os indígenas surdos vão além do ensino de língua e sua presença de constituir-se como um ser surdo plural que tem um outro jeito de olhar e compreender o mundo.

## Referências

ARAUJO, B. R. N. *A escolarização de indígenas terena surdos: desafios e contradições na atuação do tradutor intérprete de línguas de sinais – tils*. Dissertação de Mestrado, Campo Grande – MS, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/201489/ARA%c3%9aJO%20Bruno%20Roberto%20Nantes%202018%20%28disserta%c3%a7%c3%a3o%29%20UFMS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 28 de março de 2022.

ARAUJO, B. R. N. Línguas Indígenas de Sinais no Brasil: Elas (R)Existem? *ANAIS XI Seminário Povos Indígenas e Sustentabilidade: Etnocídio e as Estratégias de Resistência 27 a 29 de setembro de 2021*. V.9, p.134-143,2021. Disponível em: <<https://mail.google.com/mail/u/0/?tab=rm&ogbl#search/anais/FMfcgzGmthfgHmwSqqWqWSPvXjxDXbKp?projector=1&messagePartId=0.1>>. Acesso em: 30 de março de 2022.

ARAUJO, B. R. N.; FERREIRA, R. V. Estudos e Pesquisas sobre a educação de indígenas surdos no Brasil. In: REIS, L. da S.; FIGUEIREDO, A. A. de A.; SGARBI, N. M. F. de Q. *Estudos Linguísticos Aplicados às Línguas Indígenas e à Libras*. Pedro e João Editores, São Carlos - SP, 2021.

BRASIL. Lei nº14.191, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília, DF: Senado Federal, [2021]. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.191-de-3-de-agosto-de-2021-336083749>. Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

BRITO, F. B. de. *O movimento social surdo e a campanha pela oficialização da língua brasileira de sinais*. Tese de doutorado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-03122013-133156/publico/FABIO\\_BEZERRA\\_DE\\_BRITO.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-03122013-133156/publico/FABIO_BEZERRA_DE_BRITO.pdf). Acesso em: 05 de maio de 2022.

CARVALHO, L. A. de. *Metodologia qualitativa em pesquisa sobre formação de professores: narrativa de uma experiência*. PERSPECTIVAS ONLINE, Campos dos Goytacazes, v.1, n.4, p.9-24, Rio de Janeiro, 2007.

COELHO, Luciana Lopes. A constituição do sujeito surdo na cultura Guarani-Kaiowá: os processos próprios de interação e comunicação na família e na escola. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/620>>. Acesso em: 20 de março de 2022.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CEB Nº 5, DE 22 DE JUNHO DE 2012. *Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica*. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso\\_2013/PDFs/resol\\_federal\\_05\\_12.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso_2013/PDFs/resol_federal_05_12.pdf)>. Acesso: 28 de março de 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Os indígenas no Senso Demográfico 2010 primeiras considerações com base no quesito cor e raça*. Ministério de Planejamento,

Orçamento e Gestão. IBGE. Diretoria de Pesquisas. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: [https://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena\\_censo2010.pdf](https://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf). Acesso: 28 de março de 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL - IFMS. II Encontro de Linguagens do IFMS. Disponível em: <https://www.ifms.edu.br/assuntos/eventos/encontro-de-linguagens-do-ifms>. Acesso: 05 de maio de 2022.

GIROLETTI, M. F. P. *Cultura surda e educação escolar Kaingang*, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: < <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91404> >. Acesso: 28 de março de 2022.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. *Fundamento da Metodologia Científica*. Editora Atlas, 5ª Edição, São Paulo, SP, 2003.

NONAKA, A. M. *As línguas ameaçadas esquecidas: lições sobre a importância de lembrar da língua de sinais Ban Khor da Tailândia*. Publicado online pela Cambridge University Press. *Language in Society*, Volume 33, Edição 5, novembro de 2004. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/language-in-society/article/abs/forgotten-endangered-languages-lessons-on-the-importance-of-remembering-from-thailands-ban-khor-sign-language/C6F79A0D37E7E307821E74299C385E37>. Acesso: 05 de maio de 2022.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira Estudos Lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROCHA, S. M. da. *Instituto Nacional de Educação de Surdos: uma iconografia de seus 160 anos*. Rio de Janeiro: MEC/INES, 2018  
BRITO - Disponível em: <https://nasenjournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/1471-3802.12214>. Acesso em: 05 de maio de 2022.

VILHALVA, S. *Índios surdos: mapeamento das Línguas de Sinais do Mato Grosso do Sul*. Petrópolis, RJ, Ed. Arara Azul, 2012. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/92972/271269.pdf?sequence=1&isAllowed=y> >. Acesso em: 28 de março de 2022.

SOARES, P. A. S. *LÍNGUA TERENA DE SINAIS: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terena da Terra Indígena Cachoeirinha*. Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP – Campus de Araraquara, 2018. Disponível em: < [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/155878/soares\\_pas\\_dr\\_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/155878/soares_pas_dr_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y) >. Acesso em 28 de março de 2022.

Data de submissão: 31/03/2022. Data de aprovação: 23/05/2022.